

Formação política e profissional: um desafio do Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga (1979-1996)

Education and training policy: a challenge of Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga (1979-1996)

Maria Inês Paulista*
Carlos Bauer**

* Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE/UNINOVE).
E-mail: inespaulista@hotmail.com

** Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE/UNINOVE).
E-mail: carlosbauer@uninove.br.

Resumo

O presente artigo visa a investigar a formação política e profissional dos trabalhadores do Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga desde sua fundação nos anos de 1979, época da ditadura militar do Brasil e seu percurso até o ano de 1996. O objetivo principal é verificar a concepção de formação adotada pela instituição fundada por um grupo de sindicalistas que fazia oposição ao sindicato metalúrgico estabelecido. Ela oferecia cursos profissionalizantes apoiado em conhecimentos técnicos, formação política e ensino acadêmico aos trabalhadores. A formação do trabalhador exige um nível de especialização e de análise crítica da sociedade na busca da identificação das demandas sociais que constituem o centro de sua prática. Assim, pretendemos reconstituir a trajetória desta escola e de seus principais agentes, através do contexto histórico. As fontes orais com as narrativas de trabalhadores e professores que vivenciaram esse processo da criação, e a documentação oficial, permitiram resgatar as principais tendências, dentre as quais focalizam a resistência política e as mudanças ocorridas na formação dos novos militantes que possuíam, como principal preocupação, os ideais de uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-chave

Instituições escolares. Formação profissional. Educação política.

Abstract

This article aims to investigate the formation of political and professional employees of the Center for Professional Teaching Free New Piratininga years since its founding in 1979, during the military dictatorship in Brazil and its course until the year 1996. The main objective is to verify the design of training adopted by the institution founded by a group of unions that opposed the union metalworker established. It offered

training courses supported by technical expertise, training, policy and academic education to workers. The training of the worker requires a level of expertise and critical analysis of society in order to identify the social demands that are at the center of their practice. Thus, we intend to reconstruct the history of this school and its key players through the historical context. The oral sources with the narratives of workers and teachers who have experienced this process of creation, and the official documentation, to reclaim the key trends, among which focus on political resistance and changes in the training of new members who had, as its main concern, the ideals of a fairer and more democratic.

Key words

Educational institutions. Vocational training. Education policy.

Introdução

A iniciativa de se organizar uma escola nos moldes do Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga, ou resumidamente chamada por Escola Nova Piratininga, surgiu do interesse do Movimento de Oposição ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, de oferecer aos trabalhadores empregados e desempregados uma formação profissional e política que garantisse sua inserção no mercado de trabalho e que proporcionasse a esses trabalhadores uma consciência de seu papel transformador da sociedade.

A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo surgiu e se desenvolveu estruturalmente ligada ao sindicato oficial, ainda que em *oposição* a ele, e nunca como uma ação *paralela*, como afirma Batistoni (2001, p. 43),

A Oposição Sindical Metalúrgica – OSM não é um novo sindicato, mas é uma frente de sindicalistas que lutam por ele, orientando o combate dos trabalhadores, no sindicato atual e na fábrica. [...] O papel da OSM é o de dismantlar a atual estrutura e construir uma nova, independente dos patrões e governo, a partir da

organização da fábrica. [...] A OSM luta por um sindicalismo independente, que em certa medida ela já pratica na experiência das Comissões de Fábricas. (grifos da autora).

A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM), ao longo de sua trajetória reafirmava a necessidade de uma intervenção política dos trabalhadores e para tal precisava de ferramentas para combater as causas dos problemas vividos pela classe operária e que vinham desde a estrutura sindical corporativa dos anos de 1930, tendo como consequência o seu engessamento.

As primeiras experiências da escola nasceram do empenho de alguns metalúrgicos de setores mais combativos e da organização de cursinhos profissionalizantes no final da década de 1960 com duplo objetivo: reciclar profissionalmente alguns trabalhadores e dar a eles elementos de formação política. A violenta estrutura repressiva imposta pelo Estado brasileiro colocou para os trabalhadores a necessidade de desenvolver ações de resistência.

O regime governamental atingia a política, a economia, a cultura; havia perseguição a trabalhadores e sindicalistas

despedidos das fábricas e colocados nas “listas negras”, além do despreparo técnico de profissionais diante das modificações técnicas trazidas pelas novas indústrias multinacionais.

De acordo com a professora Sueli Bossam¹ (2010), uma das integrantes do movimento:

Nos primeiros tempos, o ensino e a troca de conhecimentos desenvolviam-se informalmente, num canto da própria fábrica, na hora das refeições, depois passaram a se realizar em outros espaços mais organizados, como o fundo de uma igreja ou de qualquer agremiação existente perto da fábrica. A politização ocorria na hora do cafézinho, mas depois o debate deixou de ser casual e passou a fazer parte do currículo dos cursos.

Esse procedimento permaneceu até o ano de 1979. A decisão de se criar uma escola profissionalizante foi parte dos objetivos propostos e aprovados nas Teses do I Congresso da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, realizado de 24 a 26 de março de 1979. Nas Propostas de Linha de Ação para as Oposições Sindicais, item 2, afirmava-se o compromisso de “criar associações culturais e outras que permitam uma aproximação constante e

facilitem a formação de setores de oposição baseadas em reuniões interfábricas”, ou seja, a formação de quadros políticos trabalhando e atuando nas fábricas.

As raízes do Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga, a Escola Nova Piratininga, tiveram início baseados nos moldes das escolas de trabalhadores, ou o Conselho de Escolas de Trabalhadores² (CET), entidade que congregava oito escolas profissionais ligadas à classe operária. Essas escolas surgiram em consequência da resistência à ditadura militar, no final da década de 1960, e surgiram como uma forma concreta de se desenvolver um trabalho político em tempos de repressão.

Como analisa Sueli Bossam (entrevista concedida em 2010):

São as iniciativas de trabalhadores que tomam para si a responsabilidade pela formação dos próprios trabalhadores: uma política de ação direta em educação num contexto de ditadura explícita do capital e de repressão aos movimentos sociais.

Nesse sentido, não se pode negar a importância que tiveram os encontros, seminários e assembleias que oportunizaram a conscientização dos trabalhadores e, por

¹ Este trabalho foi desenvolvido com base nas entrevistas realizadas com os seguintes depoimentos de participantes da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo: Sueli Bossam, professora; Leonildo de Assis, professor; Marcelo Chaves, aluno e Manoel Pereira de Araujo Filho, aluno em 2010. Outras entrevistas citadas encontram-se em Góes (2001).

² As Escolas de Trabalhadores tiveram seu início ainda no período da ditadura militar implantada no país em 1964. Surgiram no campo da resistência à ditadura, como uma forma concreta de ação política na educação dos trabalhadores. Sua postura crítica visava, sobretudo o SENAI, autoritária, ao adestramento taylorista dos operários. Disponível em: <<http://www.oficinapedagogica.com.br/site/apresentacao.php>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

meio das ações, buscaram uma pedagogia de luta social. A escola, para Gramsci, tem um papel fundamental na legitimação da desigualdade social e na perpetuação da classe dominante como classe hegemônica. A esse propósito, o autor faz a seguinte assertiva:

A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade de escolas especializadas e pela hierarquização: quanto mais extensa for à área escolar e quanto mais numerosa forem os 'graus' 'verticais' da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado. (GRAMSCI, 2001, p. 19).

Gramsci não nega que a escola possa ser um aparelho ideológico do Estado, mas acrescenta uma novidade: a de que a escola pode ser transformadora. Uma educação que possibilite a transformação da sociedade desumanizada em humanizada, de uma sociedade a-histórica em uma sociedade histórica, de uma educação desencarnada em uma educação encarnada.

O que a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo fez na década de 1970 e continua até nossos dias, foi organizar os trabalhadores para que, dentro do próprio corpo de trabalhadores, surgisse o que Gramsci chama de *intelectuais orgânicos*. A oposição entendia que era preciso organizar os trabalhadores e fazer surgir de seu interior os intelectuais orgânicos que dariam continuidade ao projeto de emancipação dos trabalhadores.

Os intelectuais orgânicos, como dirigentes e organizadores do movimento social, da organização, ao contrário do senso comum, trabalham pelo bom senso. Trata-se do intelectual orgânico da educação, que irá produzir a disputa pela hegemonia por meio da construção das matrizes pedagógicas da educação profissional e política. Segundo Gramsci,

[...] os intelectuais são um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social tem uma sua própria categoria especializada de intelectuais. [...] Todo grupo social [...] o mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político. (GRAMSCI, 2001, p. 15).

É o que continuavam realizando dentro de seus quadros, que sempre se renovavam. Dessa mesma forma, surgiram dentro do movimento da educação profissional os intelectuais orgânicos, que, articulados com o movimento social dos trabalhadores começaram a relacionar teoria e prática acerca da educação profissional e política. Na definição gramsciana elaborada por Piotte,

O intelectual tem por função homogeneizar a concepção do mundo da classe à qual está organicamente ligado, isto é, positivamente, de fazer corresponder esta concepção à função objetiva desta classe numa situação historicamente determinada ou, negativamente, de torná-la autônoma,

expulsando desta concepção tudo o que lhe é estranho. O intelectual não é, pois o reflexo da classe social: ele desempenha um papel positivo para tornar mais homogênea à concepção naturalmente heteróclita desta classe. (PIOTTE, 1975, p. 19, *apud* MOCHCOVITCH, 1988, p. 18).

Essa escola se transformou em um contraponto à hegemonia da formação técnica profissional desenvolvida pela principal escola profissionalizante de São Paulo, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). A pedagogia diferenciada desenvolvida na Escola Nova Piratininga, o engajamento ideológico e conflitante de seus alunos se constituíram em um marco importante nesse processo formativo.

Houve, naquele momento histórico, uma grande movimentação na captação de recursos para a implantação da Escola Nova Piratininga. Estes vieram de diferentes organizações católicas da Europa, tais como: “Pão para o Mundo”³, a ICCO⁴, CEBEMO⁵ e da Caritas⁶ italiana e brasileira.

³ Pão para o Mundo é uma ação das Igrejas Evangélicas regionais da Alemanha que tem como objetivo fazer justiça com os pobres. Disponível em: <www.polis.org.br/links/000000535.htm>.

⁴ ICCO é uma organização intereclesialística de cooperação para o desenvolvimento de um mundo onde não haja mais pobreza e injustiça. Disponível em: <<http://www.icco.nl/delivery/icco/pt/>>.

⁵ COBEMO Central de Mediação Cofinanciamento de programas de desenvolvimento e ajuda para os países pobres. Disponível em: <www.protestant.nl/encyclopedie/themas/cebemo>.

⁶ Rede Caritas Internationalis, rede da Igreja Católica de atuação social com sede em Roma. Organismo

A principal articuladora na captação destes recursos foi à professora Maria Nilde Mascellani, educadora católica, coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional da Secretaria Estadual da Educação de São Paulo.

Com os recursos obtidos, os integrantes da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, alugaram um local, compraram algumas máquinas e equipamentos, matéria prima e instalaram os primeiros cursos profissionalizantes no bairro do Brás, em São Paulo. O endereço foi escolhido atendendo aos poucos recursos que possuíam, mas estrategicamente observados para facilitar o acesso dos alunos. O bairro do Brás contava com um grande contingente de empresas e facilidade de locomoção com o transporte público. No depoimento de Leonildo de Assis, professor da escola, compreende-se a escolha do local para o funcionamento da escola.

Neste período, com a aquisição e a chegada dos equipamentos, fora alugado um pequeno salão comercial no bairro do Brás, porque representava um ponto mais central na cidade de São Paulo, onde pudessem chegar trabalhadores de todas as regiões da cidade. Por localizar-se próxima à Rua Piratininga, rua bastante conhecida no comércio de máquinas operatrizes usadas, a entidade assumiu o nome de “Nova Piratininga”, um nome que não trazia consigo o estigma ideológico que o projeto carregava, pois

da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi criada em 12 de novembro de 1956. Disponível em: <www.caritas.org.br>.

mesmo no final do período da ditadura militar, havia muita resistência por parte dos patrões em empregar profissionais politicamente preparados.

O Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga, ou Escola Nova Piratininga, passou por três fases distintas. Suas atividades se realizaram na cidade de São Paulo, inicialmente no bairro do Brás, na Rua Melo Barreto (1979 a 1985), em seguida na região central da cidade, na Rua Riachuelo (1986 a 1989) e posteriormente na Rua Silveira Martins (1990 a 1996), período no qual se encerrou.

Os professores e alunos possuíam correntes ideológicas divergentes e, entre as mais influentes, estavam a corrente marxista e a corrente católica⁷ e buscavam uma formação profissional, política e social. Ressaltamos o valor e a relevância dos depoimentos colhidos, para a compreensão do papel que representou a Escola Nova Piratininga no seio da OSM e das pessoas envolvidas nesse projeto: os alunos, os professores, os idealizadores. A experiência desses atores envolvidos em um momento histórico marcante muito contribuiu para a elucidação de questões metodológicas e estruturais de um segmento pouco estudado e analisado como os movimentos de oposição operária, em relação à educação.

1 A primeira fase do Núcleo de Ensino Livre Nova Piratininga – 1979-1985

A escola começou suas atividades em 1979, na Rua Melo Barreto, n. 104, no antigo bairro operário paulistano do Brás por meio de cursos esparsos. Os objetivos eram amplos, ultrapassando a alfabetização, a formação profissional e a competência técnica. Um deles era implantar um curso profissionalizante que serviria de alavanca para conseguir um emprego nas grandes indústrias, nas empresas metalúrgicas e assim, difundir ideias e lutar por elas, chegar a um novo sindicalismo e a uma nova realidade social.

Unia dessa forma o ensino profissional e o político. Os cursos voltados para o preparo profissional visavam ao ensino de português, matemática trigonometria, desenho geométrico e desenho mecânico. Pretendia, também, propiciar a atualização profissional política e a inserção de militantes sindicais, operários perseguidos cujos nomes faziam parte de uma lista que corria entre as empresas para nomear os operários tidos como “perigosos” combativos, e trabalhadores “engajados”.

Nas palavras de José da Costa Prado, ex-metalúrgico e participante da Escola Nova Piratininga, podemos compreender a amplitude que a OSM-SP procurava alcançar:

[...] o objetivo da escola era formar profissionalmente e politicamente trabalhadores para intervirem no seu local de trabalho; [...] para estar nela (a escola) tinha que ser militante, tinha que ser uma pessoa com

⁷ A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP), contava em seu quadro estrutural e de alunos com integrantes oriundos da Juventude Operária Católica (JOC) e da Pastoral Operária. Disponível em: <www.ieep.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2012.

compromisso social; [...] dava curso não só para trabalhadores de São Paulo, mas vinha trabalhador do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Desde sua concepção, a escola contou com uma série de dificuldades; primeiro, financeiras, capacidade física do local, depois a organização de trabalho em função do horário de alguns alunos, o preço do material utilizado para a confecção das peças nas máquinas, e a diferença de conhecimentos, idade e credo dos alunos de cada turma. A participação de uma ala da Igreja Católica foi relevante na história e trajetória da Escola Nova Piratininga. Outras correntes também faziam parte do quadro com elementos de segmentos de esquerda como os trotskistas e leninistas, assim como era previsível, muitos conflitos ideológicos aconteciam durante as aulas da escola.

Conforme o depoimento de Leonildo de Assis, percebe-se que esses conflitos eram trabalhados como ensinamento às turmas:

No início de cada turma, era uma verdadeira loucura, um cismava antes da reunião de rezar o Pai-Nosso, outro cismava de meter o pau naquilo, pois não tinha nada a ver, outro falava que a religião é o ópio da humanidade, e o pau quebrava e a gente deixava rolar, orientava, acompanhava, mas deixava rolar, mas era um pau feio, depois do meio do curso para o fim, aí começava a fazer uma linguagem só, pois percebiam que não dá pra brigar entre os excluídos, tem que brigar com o opressor, é lá que tem que se

concentrar, aqui tá na luta junto, não importa a sua ideia, e pra isso era uma loucura preparar a estratégia.

As aulas de formação técnico-pedagógica contavam com a atuação dos seguintes militantes: Leonildo Rodrigues de Assis, Sérgio Florentino (conhecido como Sérgio Mota), José Costa Prado, Sueli Bosam e Nádia Gebara. As aulas de formação política e sindical eram ministradas pelos militantes da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e do movimento sindical em geral.

Alguns membros, também intimamente ligados à escola, contribuíam na definição das diretrizes ideológicas educacionais como a professora Carmen Sylvia Vidigal Moraes, os sindicalistas: Sebastião Lopes Neto, Vito Giannotti, Carlúcio Castanha Junior, Waldemar Rossi. Outros nomes de expressão colaboraram com a escola: Maria Nilde Mascelani, Eder Sader, Marco Aurélio Garcia, Maria Rosângela Batistoni. A gama de professores era heterogênea, e contavam também com muitos estudantes da Universidade de São Paulo que eram voluntários e ajudavam nas aulas e nos debates políticos.

Os cursos oferecidos pela Escola Nova Piratininga revelavam o momento econômico da realidade brasileira, os principais foram: Tornearia mecânica, Fresador, Ajustagem Mecânica, Controle de qualidade, Ferramentaria. Entre os anos de 1980-87, 34% dos alunos frequentaram o curso de torneiro mecânico, 33% o curso de ajustagem mecânica, 12% o curso de fresador, 11% o curso de controle de

qualidade e 5% o curso de ferramentaria⁸. Evidencia-se o peso dessas profissões na indústria metalúrgica.

O importante era a formação do trabalhador, não apenas como um profissional habilitado a exercer funções específicas nas fábricas, mas uma formação como agente social. Este foi o cerne da preocupação e do objetivo da escola. Era a parte nobre da educação a que se propunha a escola. O ensino ordinário do trabalho no torno, no controle de qualidade, na fresadora, era levado a sério e capacitavam os trabalhadores para conseguir trabalho em grandes indústrias e manterem-se dentro das fábricas, mas o objetivo era outro, era a organização do local de trabalho, como nos diz o professor Leonildo de Assis: sempre a Nova Piratininga teve isso como lema.

Eram profissões de elite e foco do nosso investimento, onde estavam os profissionais mais qualificados, então a partir do momento em que a gente conseguia ganhar dos profissionais mais qualificados, isto é colocar nos alunos lá e formar quadros de luta e conscientização, nós tínhamos um poder de barganha maior.

No curso de inspeção de qualidade, outros recursos faziam parte do aprendizado do curso como; micrômetros, parquímetro, gramíneo, todos os equipamentos de medição, relógio de controle, mas a escola não dispunha dos equipamentos de última

⁸ Dados fornecidos pelo Arquivo Documental da OSM e do Núcleo de Ensino Livre Nova Piratininga, Disponível em: <www.iiiep.org.br>. Acesso em: 17 fev. 2012.

geração, conforme nos assevera Marcelo Chaves, aluno deste curso:

No meu caso fazia o curso de inspetor de qualidade, e, estudava muito as medidas e trabalhava com todo aquele instrumental que a gente tinha disponível, micrômetros, parquímetro, gramíneo, todos os equipamentos de medição, relógio de controle, a gente tinha, é claro que a escola não dispunha dos equipamentos de última geração de jeito nenhum, longe disso é só lembrar que aquele momento no Brasil especificamente estava experimentando essa chamada revolução tecnológica, a introdução da microeletrônica muito fortemente nas indústrias, então você tem comando numérico, você tem essas máquinas de comando numérico ou centro de usinagem que eram máquinas sofisticadíssimas e, claro, o projeto da escola era lhe dar este conhecimento fundamental básico sobre esta área que você estuda, então a gente tinha a parte teórica.

Numa época de recessão econômica e repressão política, ser um ativista sindical era perigoso e difícil, estar desempregado significava estar fora da luta. Por isso, formas clandestinas de se conseguir um trabalho numa grande empresa e militar dentro dela também ocorriam, conforme o depoimento de José da Costa Prado:

[...] a gente queria entrar numa fábrica de porte médio ou grande, a gente, através de uma amizade, às vezes a gente conseguia num papel do teste que ia ser aplicado naquela fábrica, trazido por algum companheiro que

passara por ele. Aí a gente ia à escola, fazia o teste e se preparava para quando fosse lá na fábrica fazer o teste melhor e assim garantir o emprego. O professor Mota, pelo jeito de ser, atuava em várias áreas, era o instrutor de ajustagem, de fresa, de torno, de solda, tudo a gente ia pedir para o Mota, pois ele preparava o aluno muito bem para participar dos testes.

Todas as ações eram voltadas para o ingresso ou a manutenção do operário na fábrica, e para isso ele necessitava de preparo e os professores e colaboradores de militância ajudavam na composição da metodologia empregada na escola. No depoimento da professora Nadia Gebara podemos entender como foi implantada a proposta pedagógica no início das atividades da Escola Nova Piratininga:

[...] tratava-se de um local de prática profissional, os operários usavam em horários mais disponíveis, uma espécie de plantão de dúvidas, [...] eram períodos em que o pessoal vinha e usava as máquinas e eram orientados pelos professores. Eles ajudavam o pessoal a se preparar para fazer algum teste, a relembrar, porque você fica três ou quatro anos numa empresa, adquirir experiência num campo, mas você deixa de se atualizar noutros campos e na hora do teste, o pessoal quer, a empresa quer a tua experiência, ele quer a tua atualização.

As turmas iniciais eram compostas de 14 a 18 alunos, com idade variável de 18 a 35 anos, vindos de todos os lugares do país, por meio de indicações dos sindicatos

ou de associações católicas, com conhecimento da causa operária e engajados em movimentos sociais ou políticos.

O número reduzido de alunos era consequência das dificuldades de espaço e do número de máquinas e bancadas. De acordo com o professor Leonildo de Assis, a escola possuía tornos mecânicos, fresadora, bancadas para o aprendizado técnico.

Em cada lugar onde a escola foi implantada, tinha certo número de maquinário ou de bancada, devido ao espaço físico e a necessidade do mercado de trabalho no momento, a escola funcionou por quase vinte anos e muita coisa mudou. Nós geralmente tínhamos um espaço pequeno, cabiam 6 alunos nas máquinas operatrizes, 6 na bancada, e 4 nos exercícios do chamado controle de qualidade, uma profissão que tinha muito a ser feito, hoje tudo é feito eletronicamente, então era o limite do espaço que determinava, então era de 14 a 18 pessoas e não podia passar disso.

O currículo programático era, de acordo com os organizadores e professores da Escola Nova Piratininga, uma preocupação secundária. Como já assinalado, muitos professores eram trabalhadores das indústrias e conheciam as reais necessidades do aprendizado em determinadas funções. Outra colaboração importante vinha do SENAI, que montava os cursos profissionalizantes, mas que possuía uma metodologia diferente.

Muitos alunos que frequentaram o curso da escola, também fizeram cursos no SENAI, e o professor Leonildo analisa

esse currículo de forma muito positiva, a crítica dele e dos integrantes da Oposição Sindical Metalúrgica se baseia na forma, na metodologia aplicada, que desconecta o trabalho do trabalhador, que não o insere como partícipe do processo produtivo.

Lá na nova Piratininga, o currículo era o de menos, o currículo, o SENAI fazia muito bem, entende? Então a gente pegava todo o material do SENAI e mudava a metodologia e era aí aula, e a gente fazia assim mesmo, o desenho era do SENAI, peça estruturada era do SENAI, o curso do SENAI, você vai ver no histórico depois, ele era um curso muito bom, muito competente, mas o jeito de trabalhar com isso é que era diferente, então eu trabalhei lá um pouco nas teorias de Paulo Freire, não sei se você conhece, com a Pedagogia do Oprimido foi a nossa cartilha, então, não ter uma informação vertical, de chegar e falar: isso se faz assim, isso assim e isso assado, não! A gente começava com o questionamento, tem o ponto de interrogação como fator predominante, desde que faça algum ser humano pensar, ele produz! Então quando se apresenta um exercício pra fazer e dá toda aquela série de toques que o SENAI apresenta, isso é um adestramento, mas quando se omite esta informação e se busca conjuntamente a encontrar o caminho, surpreende! O ser humano surpreende a gente a todo o momento. É só colocar a pergunta, colocar em situação difícil, colocar o cérebro dele em desafio, ele dá a resposta, isso na maioria das vezes não é muito difícil, salvo em

casos de problemas de memória, ou de problemas que ele tenha passado na infância, mas mesmo assim, forçando sai alguma coisa, então esse era o diferencial nosso com o SENAI. (prof. Leonildo de Assis).

As aulas regulares e o plantão de dúvidas eram práticas diárias na escola e não serviam apenas para dar formação profissional, mas para educar politicamente o trabalhador. Quanto mais especializado em suas profissões como caldeireiros, ferramenteiros, inspetores de qualidade, e fresadores e torneiros mais trabalhavam, em melhores e maiores empresas. Era um jeito de aprender uma profissão com um olhar crítico da sociedade, onde se discutia a questão da conjuntura daquela época, discutia os rumos das lutas dos trabalhadores, em que o socialismo⁹ era uma proposta que orientava todo o grupo envolvido no projeto.

As aulas práticas eram dadas na oficina aplicando os conhecimentos teóricos,

⁹ Socialismo refere-se a qualquer uma das várias teorias de organização econômica advogando a propriedade pública ou coletiva e administração dos meios de produção e distribuição de bens e de uma sociedade caracterizada pela igualdade de oportunidades/meios para todos os indivíduos com um método mais igualitário de compensação. O socialismo moderno surgiu no final do século XVIII tendo origem na classe intelectual e nos movimentos políticos da classe trabalhadora que criticavam os efeitos da industrialização e da sociedade sobre a propriedade privada. Karl Marx afirmava que o socialismo seria alcançado através da luta de classes e de uma revolução do proletariado, tornando-se a fase de transição do capitalismo para o comunismo. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/socialismo.html>>.

a partir de um ensino mais individualizado, em que os alunos realmente produziam peças, consertavam máquinas, trabalhando com solda e polimento, materiais usados nas indústrias da época. Simulavam o trabalho da fábrica para melhorar o desempenho do trabalhador, pois quanto mais especializado, melhores cargos teriam e mais poderiam influenciar outros trabalhadores para sua causa.

2 A segunda fase da Escola Nova Piratininga – 1985 a 1989

No segundo semestre de 1985, a Escola Nova Piratininga, passou a ocupar um conjunto de lojas desativado, na Rua Riachuelo, próximo à Praça das Bandeiras, região central da cidade de São Paulo, com espaço maior, e montou a sua unidade de formação de trabalhadores. Como parte do processo de ensino e de aprendizagem, as aulas, o currículo e a metodologia foram desenvolvidos de maneira diferente em vários aspectos e mais organizado.

Os cursos eram ministrados por quantidade de horas e contavam com atividades intra e extraclasse. Todos os assuntos e questões dos alunos tornavam-se temas abertos ao debate. As aulas de conhecimentos gerais eram ministradas em sala, geralmente no período da manhã, quando os alunos se colocavam como numa assembleia, era o coletivo, conforme relata o prof. Leonildo. Esses conhecimentos gerais incluíam: a Leitura e Interpretação de textos, a Matemática, Oratória e Discurso, Leitura e discussão de notícias de jornal, Liderança Sindical, Relaxamento,

História, Geografia e tentavam trabalhar o ser humano, o operário, de forma integral.

Esse modelo de escola criado pela OSM sofreu devido às dificuldades financeiras, pois a escola não cobrava mensalidades dos alunos e seus custos eram altos, eles davam ajuda na alimentação e moradia dos alunos, e os recursos das entidades internacionais demoravam a chegar. A escola atingiu seu auge nesse período, quando se estruturou, passando a contar com um coordenador de ensino, cursos regulares de período integral, equipe de professores fixos e envolvidos no projeto que pretendia formar bons profissionais e cidadãos conscientes, vivendo até 1990, seu momento maior de uma experiência educacional marcante. A intensa atividade trabalhista e sindical de lutas, greves e conquistas dessa década, como a formação do Partido dos Trabalhadores, a criação da Central Única dos Trabalhadores, a gradual abertura política deram grande representatividade para os integrantes da escola.

No processo de formação política e profissional da Escola Nova Piratininga, o objetivo não era somente proporcionar aulas teóricas e práticas para o emprego, muito embora essa ação se fizesse presente e necessária. A diferença do processo educativo ou da liberdade pedagógica que se verificou no resgate histórico da escola, por meio de documentos escritos e de relatos pessoais, deixa claro que buscavam extrair as lições do processo de lutas, teorizavam sobre os acontecimentos, sucessos e insucessos, e, a partir das reflexões obtidas, os alunos planejavam, faziam novas considerações, compreendiam sua

participação política efetiva na sociedade como um sujeito histórico.

Os cursos contavam com atividades fora da sala de aula em um módulo que se chamava “Formação do Coletivo”, em que os alunos divididos em grupo deveriam traçar um mapa de seu caminho até a escola. Segundo a Prof^ª Nadia Gebara, o objetivo era de ensinar a desenhar e usar a cartografia e promover o conhecimento da cidade para ajudar nas atividades de militância política, como a distribuição de panfletos e jornais da oposição sindical na porta das fábricas.

Nesse processo, a militância política nas portas de fábrica, como a distribuição de jornais e panfletos, se constituía em uma prática diária e voluntária para os alunos da escola. Podemos perceber como essa atividade se processava no depoimento de Marcelo Chaves, aluno vindo de Salvador e que ingressou na escola em 1986.

Eu era um militante, mas como militante, eu não tinha nenhuma obrigação de prestar serviços nem à Oposição nem a qualquer corrente, porque veja, a Oposição Sindical era uma grande frente de esquerda, é bom que se lembre disso, [...] e eu não tinha nenhuma vinculação orgânica com nenhuma das organizações políticas, eu vinha da Bahia, de outra tradição, e eu não era ligado a nenhuma destas correntes e eu não fui em nenhum momento pressionado em nada não. Eu ia porque eu tinha noção da importância da vitória da Oposição Sindical Metalúrgica e eu fazia isso como uma obrigação

imposta por mim, pelos companheiros que me enviaram pra lá, então você nunca fazia a militância no horário de estudo, por exemplo, a gente acordava cedinho, 5 horas da manhã a gente ia para a porta da Arno que era perto, na porta da Lorenzetti, na Mooca, eu sempre fiz panfletagem em porta de fábrica, ou então de noite participava de reuniões, que havia reuniões na zona sul, reuniões na zona leste, que tinha um pessoal da zona leste, mas era uma militância que convergia na Oposição Sindical. [...] São Paulo chamava pra isso, a ebulição de São Paulo, a formação da CUT, a formação do PT, a formação do MST, veja tudo isso nesse mesmo tempo e o Brasil estava chamando a atenção do mundo na contramão do mundo, em refluxo, o Brasil o movimento operário bastante ativo, era realmente outro momento histórico.

O importante era a formação do trabalhador, não apenas como um profissional habilitado a exercer funções específicas nas fábricas, mas uma formação como agente social. De acordo com Antunes (1988, p. 177), é a partir do trabalho, em sua cotidianidade, que o homem torna-se social, distinguindo-se de todas as outras formas não humanas.

Este foi o cerne da preocupação e do objetivo da escola. Era a parte nobre da educação a que se propunha a escola.

Objetivava-se, portanto, também a formação política de modo claro e explícito. O aporte teórico, este sim ficou oculto dos professores e de alguns alunos durante um período, até a tomada de consciência

da integração teoria e prática, como podemos atestar pelo depoimento do professor Leonildo de Assis:

Bom, os anarquistas, eles estão na raiz deste nosso trabalho, e eles tem a tese de que a educação dos trabalhadores é papel dos trabalhadores, aí eles fazem referência ao nível de escolaridade, assim como; quem são os trabalhadores? tem muito médico, engenheiro, advogado, intelectual que é trabalhador né? Então a educação do trabalhador é papel do trabalhador, a gente luta nessa direção, então é necessário ter um direcionamento, é claro o teor de ideologia que é impresso na escola não é igual em todos os lugares. O teor de ideologia que era impresso lá na Nova Piratininga, era a formação política e profissional para o trabalhador entrar na fábrica e conscientizar o maior número de trabalhadores para o seu papel na sociedade e ter capacidade de transformação desta sociedade.

As palavras do professor Leonildo nos remetem à análise feita por Luckás quando ele expõe esta capacidade de transformação por parte do proletariado:

A superioridade do proletariado em relação à burguesia, que, aliás, é superior ao primeiro sob todos os pontos de vista (intelectual, organizacional, etc.), reside exclusivamente no fato de ser capaz de considerar a sociedade, a partir do seu centro, como um todo coerente, e, por isso, agir de maneira centralizada, modificando a realidade; no fato de, para a sua consciência de classe, teoria e práxis, coincidirem e

também, por conseguinte, de poder lançar conscientemente sua própria ação na balança do desenvolvimento social com fator decisivo. (LUKÁCS, 2003, p. 172).

Na formação política, de interpretação de textos, oratória, leitura de jornais e estudo de textos de Marx, Lênin e outros teóricos, a escola contava com muitos professores e estudantes da Universidade de São Paulo, que participavam ativamente das lutas políticas dos trabalhadores e que estimulavam os alunos a pensarem sobre seu papel nesta sociedade capitalista e na sua participação política. Conceitos como sociedade capitalista, classes sociais – burguesia e proletariado, mais valia, eram amplamente estudados. Os alunos, mesmo os que tiveram poucas oportunidades de estudar por um longo tempo em escolas formais, compreendiam esses conceitos em sua vivência cotidiana.

Enfim uma formação completa, um curso formatado por três ou quatro meses, mas um curso que não deixava a desejar francamente, pela parte teórica e prática e a parte de formação política, tinha análise da conjuntura, tinha a leitura e interpretação de textos clássicos e de imprensa, operária, de oratória. A aula prática funcionava assim, você era colocado na frente da sala e simulava, pra você desenvolver seu vocabulário e suas atitudes como se estivesse na porta de fábrica ou em uma assembleia, pra você brigar, convocar, fazer o discurso e ali tinha as pessoas especializadas pra ensinar aquilo, tinha dinâmica de grupo, tinha grupos de voluntários da USP que

vinham colaborar com a gente em tudo. (Manoel Pereira)

Apesar da rotina puxada, como já assinalada, muitos alunos faziam militância nas portas de fábrica às 5 horas da manhã para a distribuição de jornais, vinham em seguida para a escola, passavam o dia em atividades e, às vezes, no período noturno, participavam de atividades culturais, mas, como sinaliza o professor Leonildo de Assis:

A rotina, isso era negociado em cada turma, o período era integral, teve turma que não fez nada disso, e teve turma que às 5 horas da manhã já estava nas portas de fábrica para a distribuição de jornais na porta de fábrica [...] e as 7 estavam todos lá na unidade, na escola, até meio dia, uma hora, depois almoçavam e ficava até 6, 7 horas às vezes até 8, 9,11 horas da noite [...] Dependendo das atividades da escola e do trabalho da oposição, exatamente, porque a gente, por exemplo, a gente também incentivava a parte cultural, a gente incentivava os alunos a conhecerem cinema, teatro, orquestra, fazia parte do currículo – às vezes a turma ficava junto até às 10 horas da noite, ia pra casa dormir, no outro dia, estava lá novamente, e não tinha desistência, afastamento, não tinha falta, não tinha nada não.

A escola não contava com um modelo rígido de aprendizagem, cada professor possuía a liberdade de empregar sua metodologia e fazer mudanças, o que se cumpria com mais rigor era o número de horas para cada curso. A distribuição de horas variava de acordo com a especifici-

dade de cada curso ou do grupo, de um acordo entre eles. Podia durar de três a seis meses, havia turmas que estudavam seis horas diárias, outras, oito horas.

3 A terceira fase da Escola Nova Piratininga – 1989 a 1996

Em 1989, a escola se transferiu para outro endereço, instalando-se em um prédio muito grande e velho, na região central da cidade, na Rua Silveira Martins. Sua localização era privilegiada, possibilitava a integração dos alunos à metrópole e era próxima dos locais onde funcionavam muitas sedes sindicais.

Nas palavras de Sebastião Lopes Neto, um dos dirigentes da OSM:

Tratava-se de um prédio grande, 800 metros quadrados, e o dono só alugaria se fosse inteiro, para nós da escola, era muito grande, estava abandonado e cheio de lixo, mas preciso por estar bem localizado. Afinal depois de algum tempo, o espaço livre da escola foi aproveitado para atividades de outros movimentos sociais, como a montagem do comitê da futura prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina.¹⁰

¹⁰ Luiza Erundina foi prefeita do município de São Paulo entre 1989 e 1993, eleita pelo PT. Na sua gestão elaborou ações importantes nas áreas de educação (o responsável pela pasta era o educador Paulo Freire, reconhecido internacionalmente) e saúde, como o aumento do salário e da capacitação dos professores da rede municipal, a melhoria na distribuição e qualidade da merenda escolar, a criação do MOVAs (Movimentos de Alfabetização, centros de alfabetização e instrução de adultos) e a implantação de serviços de fonoaudiologia e

Nesse período, a Escola Nova Piratininga expandiu suas atividades no sentido de abrigar outros cursos, como o projeto Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA). Ele teve sua prática iniciada antes do governo de Luiza Erundina, posteriormente, foi implantado como política pública no combate ao analfabetismo pela Prefeitura de São Paulo e chegou a ter mais de mil núcleos de alfabetização somente na capital. Nessa ocasião, a escola passou a receber recursos da prefeitura por meio de um contrato o que permitiu continuar em funcionamento, pois não contava mais com recursos internacionais.

O ensino da matemática promovido no MOVA, partiu da metodologia formada por algumas professoras da Nova Piratininga, como Sueli Bossam, Nádia Gebara e Carmen Sylvia Vidigal Moraes. Esse método foi implantado em outros estados com grande aprendizagem. Os professores eram muito ativos e, nos finais de semana, começaram um grupo de formação para os monitores do MOVA.

De acordo com o depoimento de Sueli Bossam:

A matemática do MOVA surgiu com o grupo da Nova Piratininga, e escola promovia todo final de semana formação para os instrutores. Este era no sentido de ensinar como trabalhar os conhecimentos de matemática com os adultos analfabetos e

semianalfabetizados. Como eu disse, a oficina caminhou pelo Brasil e continua até hoje, nos bairros e várias comunidades que aplicam esta metodologia, claro, adaptadas à realidade local, adaptada aos instrutores locais. Eu ainda hoje acompanho e trabalho com esta formação, que podemos dizer é uma extensão da Nova Piratininga, sua proposta metodológica está se expandindo, está viva. Apesar de toda dificuldade por que passou a escola, sua proposta está espalhada, se pode dizer que isso nunca vai morrer, ela está aí.

Nesta fase da escola, muitos professores eram remunerados, assim como alguns funcionários. Com a dificuldade de obtenção de recursos internacionais para o funcionamento, os dirigentes da escola firmaram um convênio com a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social. O trabalho da escola aumentou sua atuação com esse convênio, e o objetivo era dar cursos de complemento escolar com profissionalização para jovens na área de Eletricidade, Mecânica e Construção Civil. Os bairros atendidos foram Ipiranga e Perus.

A estrutura da Nova Piratininga, como nos moldes do começo de sua existência, em que não cobrava por seus cursos, neste momento histórico ficou muito abalada. As dificuldades financeiras enfrentadas pela Escola Piratininga no começo da década de 1990, em grande parte foi sustentada pelo convênio com a prefeitura. Ela valorizava o trabalho dos sindicalistas e o esforço para manter e gerir a escola, mas, ao término do mandato de Erundina em 1993, a situação financeira ficou insustentável.

neurologia, entre outros, nos postos da cidade, além do desenvolvimento de políticas mais voltadas para a periferia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiza_Erundina>. Acesso em: 24 jan. 2012.

Com o ingresso do novo prefeito, Paulo Maluf, o convênio com o órgão municipal não foi renovado, impossibilitando a continuação das atividades da escola. A nova administração municipal não cumpriu os compromissos do governo anterior, desrespeitando os convênios em andamento e levando a instituição escolar à insolvência. Era preciso pagar as despesas referentes às dispensas legais dos trabalhadores da escola e ficou inviável manter seu funcionamento.

De acordo com o relato de José Costa Prado:

Naquele momento, a prefeitura começou a atrasar os pagamentos que tinha como acordo com a escola, não repassava as verbas e a gente convivia com uma inflação de 52% ao mês, começamos a atrasar o pagamento de luz, aluguel, de professores..., nós fomos obrigados a vender a nossa ferrentaria, a gráfica, e ainda ficamos com dívida [...] isso nós agradecemos a essa política antissocial, antitrabalhadora [...].

É com tristeza que outros sindicalistas falam do término das atividades da escola em 1996. Cícero Umbelino da Silva relata em seu depoimento que não foi sem luta e resistência que houve o fechamento da escola:

Quando terminou a administração da prefeita Luiza Erundina, o nosso convênio não tinha terminado, o nosso projeto não tinha acabado. Então o governo de direita do Maluf decidiu destruir definitivamente não só o nosso projeto, mas todas as políticas

de educação que beneficiassem os trabalhadores. A escola foi obrigada a vender todo o equipamento, tornos, fresa os maquinários para arrecadar dinheiro para pagar os processos, inclusive os trabalhistas, claro que o pessoal tinha razão, porque não recebeu integralmente aquilo que a lei determina, mas a gente tinha um acordo, vendemos as máquinas e pagamos o que tinha de ser pago. Aí foi o fim da Escola Nova Piratininga, por que a escola se desestruturou definitivamente.

Entretanto o sonho de um grupo de trabalhadores ligados à OSM não morreu, aproveitando a experiência da Escola Nova Piratininga, fundou-se neste mesmo ano de 1996, o Centro de Educação, Estudos e Pesquisa (CEEP).

Considerações finais

A relevância de uma escola como a Escola Nova Piratininga pode ser avaliada dentro e fora da totalidade de seu contexto histórico. Ela não foi escola dos vencidos, nem dos vencedores, ela foi um celeiro de ideias, de controvérsias, de conflitos ideológicos, de amadurecimento político e profissional, que rendeu frutos e que formou cidadãos conscientes de sua importância no mundo. Cidadãos, intelectuais orgânicos preocupados com o coletivo, que se despiam de seus interesses individuais e lutavam por toda uma classe, que se conscientizavam de seus problemas e de seus valores.

O recorte temporal que abordamos foi um dos mais críticos e conturbados

da história brasileira, deixando sequelas políticas e sociais não resolvidas mesmo depois de tantos anos. A desigualdade produzida pelo capitalismo e pelo regime autoritário que assolaram o país por mais de vinte anos, está longe de ser resolvida, mas o que se pretendeu mostrar foi o trabalho de pessoas anônimas, que, com dedicação, promoveram um tipo diferente de educação e que não deve ser esquecida.

A Oposição Sindical Metalúrgica, naquele momento histórico, se caracterizava como uma frente política de trabalhadores, que se empenhava no enfrentamento de classe, buscando romper com a estrutura sindical, lutando contra o corporativismo, como um organismo depositário de consciência política. Esta definição se encontra registrada no documento: Contribuição da Coordenação para o Debate do Bloco de Questões OSM-SP, 05/83, estipulado no I Congresso da Oposição Sindical Metalúrgica, de São Paulo em 1979.

A noção que temos de educação aqui, rapidamente formulada, não é a formal e institucionalizada pelo Estado, mas aquela que foi pensada e se desenvolveu no interior de uma instituição fora do sistema, projetada e entendida como parte da construção de mecanismos de educação social. A educação que utilizou a compreensão da sociedade, a cidadania, de forma que abarcasse o entendimento da política, da economia e do papel social do trabalhador na sociedade.

As relações entre capital e trabalho estavam em transformação com a introdução de novas práticas empresariais e velhos mecanismos de repressão, tanto

por parte do regime ditatorial quanto da estrutura sindical aplicada, que visavam ao controle da força de trabalho e à manutenção da exploração dos trabalhadores. Conseqüentemente, os conflitos e as formas de resistência foram se aprimorando, seja na base da força bruta, das greves e das lutas armadas, seja através do desenvolvimento técnico, político e social desses trabalhadores que se organizavam na oposição sindical, com a conscientização por meio do esclarecimento, da educação e da politização.

A Escola Nova Piratininga desempenhou papel de relevância dentro desse contexto, pois através dela, muitos recursos foram captados nas entidades filantrópicas de países da Europa e ajudaram na inserção e manutenção dos trabalhadores nas fábricas, com a compra de equipamentos, maquinário e matéria prima, além de incrementar outras ações, como a publicação de um jornal e panfletos informativos que eram distribuídos nas portas das fábricas.

Dentre as diferentes adversidades que a escola enfrentou, uma fazia parte do próprio heterogêneo grupo de trabalhadores que estavam em formação. Uma das grandes dificuldades encontradas nas aulas teóricas ministradas em assembleias era a divergência religiosa, pois muitos alunos possuíam concepções religiosas arraigadas, faziam questão de rezar todo início de aula, outros de convicções marxistas, leninista eram contra, entrando em conflitos filosófico e ideológico.

Esses conflitos, porém eram previstos e aproveitados para, mesmo no calor de uma discussão, servir de base para uma

dinâmica em grupo, em que os orientadores explicavam que a diversidade ideológica serve para ajudar a ter uma melhor compreensão de mundo, ela não deve servir de obstáculo para se levantar uma bandeira única, com objetivo comum de reivindicações e melhoria dos trabalhadores.

Entretanto, apesar das dificuldades, a concepção de ensino se baseava na construção coletiva do conhecimento, ou seja, aproveitar todo o conhecimento prévio do

trabalhador e implementar novos, a partir de uma linguagem dialética, valorizando o ser humano e não se preocupando apenas em adestrá-lo a algum trabalho fabril. O resultado se mostrava surpreendente em muitos casos, pois permitia transformar os trabalhadores, a princípio sem uma formação técnica, em trabalhadores capacitados e conscientes, o que nos leva a refletir nas possibilidades que a educação possui de modificar e incentivar toda a sociedade.

Referências e obras de apoio

ALMEIDA, José Maria. *Os sindicatos e a luta contra a burocratização*. São Paulo: Sundermann, 2007.

ALTHUSSER, Louis. *Os aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ANTUNES, Ricardo. *Classe operária, sindicatos e partido no Brasil*. São Paulo: Ensaio/Cortez, 1982.

_____. *Crise e poder*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

_____. *A rebeldia do trabalho*. Campinas: Ed. da Unicamp/Ensaio, 1988.

_____. *O novo sindicalismo*. São Paulo: Brasil Urgente, 1991.

ARAUJO FILHO, Manoel Pereira de. Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga. Participante da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. São Paulo, 22 fev. 2011. Entrevista concedida a Maria Inês Paulista. (Gravada e transcrita).

ASSIS, Leonildo de. Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga. Participante da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. São Paulo, 11 fev. 2011. Entrevista concedida a Maria Inês Paulista. (Gravada e transcrita).

BAUER, Carlos. *Contribuição para a história dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Edições Pulsar, 1995. Volume II – A hegemonia vermelha.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BATISTONI, Maria Rosângela. *Entre a fábrica e o sindicato: dilemas da oposição sindical metalúrgica de São Paulo (1967-1987)*. 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

BOSSAM, Sueli. Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga. Participante da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. São Paulo, 25 nov. 2010. Entrevista concedida a Maria Inês Paulista. (Gravada e transcrita).

- CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CHAVES, Marcelo. Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga. Participante da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. São Paulo, 14 jan. 2011. Entrevista concedida a Maria Inês Paulista. (Gravada e transcrita).
- GÓES, Marina Piza de Sampaio. Educação popular: a experiência do Conselho de Escolas de Trabalhadores. 2001. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs, e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. *História dos movimentos e lutas sociais*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Educação e movimentos sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Volume II.
- _____. *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LOUREIRO, Isabel (Org.). *Socialismo ou barbárie*. Rosa de Luxemburgo no Brasil. São Paulo: Instituto Rosa de Luxemburgo Stiftung, 2008.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *O capital*. Edição condensada. Tradução Gesner de Wilton Morgado. Rio de Janeiro: Melso, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Feuerbach. *Oposição das concepções materialistas e idealistas*. Lisboa: Avante, 1982.
- _____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2009.
- _____. *Para a crítica da Economia Política*. Prefácio. Lisboa: Avante, 1982.
- MARX; ENGELS. LENIN, TROTSKY. *O marxismo e os sindicatos*. São Paulo: Sundermann, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. *Gramsci e a escola*. São Paulo: Ática, 1988.
- MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. Instrução “popular” e ensino profissional: uma perspectiva histórica. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Orgs.). *Brasil 500 anos: tópicos em História da Educação*. São Paulo: Edusp, 2002.
- NOSELLA, Paolo. *Por que mataram Santo Dias: quando os braços se unem à mente*. São Paulo: Cortez, 1980.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1. A árvore da liberdade; v. 2. A maldição de Adão; v. 3. A força dos trabalhadores.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em dezembro de 2012

Aprovado para publicação em março de 2013